

O CORTIÇO



ANOSTRA

O CORTIÇO

Ilustrações de Kleber Santana



ALUIÍSIO AZEVEDO

TORDESILHAS
FABULOUS CLASSICS

O cortiço

Copyright © 2025 Tordesilhas.

Fabulous Classics é um selo da Alaúde Editora Ltda, empresa do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

ISBN: 978-65-5568-267-0.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

A994c

1.ed. Azevedo, Aluisio, 1857-1913

O cortiço / Aluisio Azevedo. - 1.ed. -

Rio de Janeiro : Tordesilhas, 2025.

320 p.; 15,4 x 23 cm.

ISBN 978-65-5568-267-0

1. Romance brasileiro. I. Título.

05-2025/174

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances literários brasileiros B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 18º do Código Penal Brasileiro. O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal exclusiva ao leitor. A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares mencionados pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Produtora Editorial: Viviane Corrêa

Revisão: Denise Himpel & Renan Amorim

Diagramação: Joyce Matos

Aparato: Alessandro Thomé

Ilustrações: Kleber Santana



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:

ASSOCIADO





SUMÁRIO



Por que ler este clássico?, VIII

Capítulo 1, 1

Capítulo 2, 19

Capítulo 3, 31

Capítulo 4, 45

Capítulo 5, 55

Capítulo 6, 63

Capítulo 7, 73

Capítulo 8, 91

Capítulo 9, 107

Capítulo 10, 127

Capítulo 11, 149

Capítulo 12, 165

Capítulo 13,	175
Capítulo 14,	185
Capítulo 15,	197
Capítulo 16,	211
Capítulo 17,	223
Capítulo 18,	229
Capítulo 19,	235
Capítulo 20,	249
Capítulo 21,	259
Capítulo 22,	273
Capítulo 23,	281
Sobre o Autor,	290

¿POR QUÉ ~ LEER ESTE ~ CLÁSICO?



NO MEU TEMPO É QUE AS COISAS ERAM BOAS

Sim, eram mesmo. Principalmente porque não se falava daquilo que não era assim tão bom.

Beleza... algumas coisas mudaram, porque, desde 1890, o que era apenas a realidade com a qual todos deveriam conviver sem questionar passou a ser também um material para que nos debruçássemos sobre páginas a fim de, mais do que apenas aprender, também conhecer um pouco do que era parte do dia a dia de pessoas invisibilizadas. E muito do acesso a esse conhecimento é devido a Aluísio Azevedo, que viu no nascente movimento francês que tomava as artes uma janela através da qual ele também poderia, e deveria, olhar. Mais do que isso, ele abriu uma janela para nós.

Quem dera o simples olhar e um aprofundamento no conhecer fossem suficientes para mudar uma sociedade! Sabemos que não é assim, mas pelo menos já não somos mais tolhidos pela possibilidade de conhecer a verdade ao nosso redor, que nem sempre, ou quase nunca, é bela. Se ao final do século XIX, no Brasil, a literatura era tomada por histórias que faziam uma vida idílica e que eram protagonizadas por quem já tinha o protagonismo na sociedade, coube a Aluísio Azevedo trazer à luz das letras personagens “imperfeitos” vivendo uma vida “imperfeita”. Ou seja, agora, seriam os mesmos estampados nos livros.

Hoje, personagens como Bertoleza, Firmo, Piedade e João Romão, com suas características desviantes são tão bem ilustradas em *O cortiço* quanto nos pareçam como quaisquer outros de muitos da literatura atual (e também do cinema e da TV), mas na época da publicação do livro, explorados, bêbados e prostitutas não eram “estrelas”. A desigualdade social que cria tais personagens em qualquer tempo deveria permanecer longe dos olhos do público. Isso não era uma lei, mas apenas algo implícito, porque o tapete sobre

o qual a sociedade caminhava deveria sempre estar limpo na parte de cima. A sujeira, sem ter para onde escoar, deveria permanecer debaixo desse tapete.

Sob esse aspecto, não houve tantas mudanças daqueles dias para os de hoje, mas agora podemos escolher o que ler, e para entender um pouco dos movimentos humanos e sociais que nos trouxeram até aqui, nada melhor do que visitar este clássico pioneiro em esmiuçar os interesses, as paixões, as necessidades e as desigualdades que fazem com que a sociedade continue a se equilibrar sobre tantas pernas influenciadas por forças que só existem porque muitas cabeças se considerem as responsáveis por definir o que pensar, como agir, em quem acreditar e, mais importante e perigoso, em quem acreditar.

E não há como escapar. Sem da leitura, nos veremos como um dos personagens aqui retratados e reconheceremos ao nosso redor, em nossa vizinhança e casa, um tanto de tantas outras figuras que farão parte de nosso assombro e maravilhamento durante as próximas páginas.

No fim das contas, o mundo é um cortiço, o tempo em que as coisas eram boas nada mais é do que o discurso de quem não vê o que tudo de fato é, seja por olhar para o lado errado ou por insistir em se manter de olhos fechados.

ALUÍSIO AZEVEDO

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão, em 14 de abril de 1857. Ainda na juventude, se interessou por desenho e pintura, o que o levou a, em 1876, fazer as malas rumo ao Rio de Janeiro a fim de estudar na Imperial Academia de Belas Artes. E foi exatamente esse seu talento artístico que o ajudou a pagar as contas na então capital do Brasil, pois, para se manter, ele desenhava caricaturas para jornais como *O Figaro*, *Zig-Zag*, *O Mequetrefe* e *A Semana Ilustrada*. As letras ainda estavam distantes, mas ele já ocupava as páginas.

Dois anos mais tarde, devido ao falecimento de seu pai, Azevedo se viu obrigado a retornar a São Luís para ajudar a manter a família. Foi quando deixou os desenhos e passou a se dedicar à escrita, acreditando ser esse um caminho mais promissor, desde que seguisse os moldes do que estava em

voga à época. Assim, em 1880, publicou seu primeiro romance, *Uma lágrima de mulher*, sob a estética romântica.

“E que mais é o nosso viver nesta espécie de mundo, senão uma ilusão entre dois nada: o presente e o futuro? Dois nada insondáveis e obscuros que fecham uma hipótese, chamada presente. Ontem solidões nebulosas; hoje mentiras e esterilidades; amanhã sonhos mal contornados. Eis a vida!”

No mesmo ano, ajudou a fundar o jornal *O Pensador*, publicação que precedeu seu passo seguinte, quando, em 1881, publicou *O mulato*, seu primeiro romance naturalista, vertente inaugurada pelo autor no Brasil e pela qual ele se tornou mais conhecido.

Mas ainda se passariam nove anos até que *O cortiço*, provavelmente seu romance mais festejado, viesse à luz, em 1890, e outros cinco anos o separavam do abandono da carreira de escritor, quando, em 1895, foi aprovado em concurso para o cargo de consul. Nas letras, ele optou por trazer ao palco os esquecidos; na vida política, como conselheiro representante dos interesses de sua nação e de seus cidadãos.

Além de romances, escreveu também contos, crônicas e críticas, novelas e peças teatrais, usando sempre descrições minuciosas e uma narrativa cadenciada como a própria vida. Tinha preferência pela linguagem simples e regional, o que fazia sentido devido a seu foco na realidade cotidiana e no comportamento dos personagens.

O escritor morreu em 1913, aos cinquenta e seis anos de idade, depois de ser o fundador da cadeira nº4 da Academia Brasileira de Letras. Em 1915, Coelho Neto liderou a iniciativa de levar os restos mortais de Aluisio Azevedo de Buenos Aires para São Luís, e lá repousam definitivamente os restos do autor de *O cortiço*, o livro que foi um dos responsáveis por inaugurar, no Brasil, a literatura que retrata a vida como ela é, aqui e agora. E sem clichês, como estes que acabei de usar.

AZEVEDO E O NATURALISMO

Movimento artístico e cultural nascido na França em meados do século XIX e manifestado em muitas áreas, o naturalismo foi influenciado pelas correntes científicas e filosóficas que surgiam na Europa, a exemplo do determinismo (que defende que todos os acontecimentos são determinados por causas anteriores, o que, resumidamente, conhecemos como causa e efeito) do darwinismo (cujos conceitos são baseados na teoria da evolução das espécies e da seleção natural) e do cientificismo (perspectiva segundo a qual a ciência é o único modo de obter conhecimento verdadeiro e que pode explicar todas as questões humanas e sociais). Para os artistas naturalistas, tudo estava determinado e era passível de ser explicado a partir de uma lógica baseada na ciência e nos conhecimentos adquiridos, levando a uma visão neutra dos fatos, que fazia com que nada fosse sugerido ou apresentado de maneira subjetiva. O ser humano passou a ser visto como uma máquina reprodutora de seu meio, sem livre-arbítrio, sendo sempre influenciado pelo meio social e físico que o cerca. A noção de personalidade foi se esmaecendo. Era o extremo oposto do romantismo, pautado na fuga da realidade e na idealização.

Aluísio Azevedo estava antenado com essas tendências europeias e demonstrava interesse em se livrar da moda que se tornara datada no Brasil e abraçar a contemporaneidade imposta pelo Velho Continente, de onde chegavam romances com uma abordagem mais moderna sobre os mecanismos que regem as sociedades e as interações humanas. É como ele mesmo não me incomodo de chorar, desde que seja em Paris.

Mas ele não estava em Paris, e a sociedade que retratou foi aquela em que ele vivia, criticando os desacertos de seu país e tratando de temas relacionados à patologia social, promiscuidade, adultério, vícios, decadência moral e preconceito racial, tudo isso sobre os ombros de personagens impletamente degradadas e animalizadas, o mesmo espetáculo do horror que continua a ser apresentado nos palcos de nosso país. Mas Aluísio Azevedo foi além e deu a esses temas a profundidade necessária para que o espetáculo fosse sentido e vivido de modo a se compreender a beleza que há até mesmo no que, em um primeiro momento, pode parecer degradante.

AS CORES DO CORTIÇO

Apesar de tantas figuras marcantes e fundamentais, o próprio cortiço é o personagem principal da história; afinal, ele é o resultado e também o definidor de muitas das personalidades e dos caminhos por elas trilhados. É na precariedade e insalubridade desse ambiente que a dinâmica da existência humana se mostra colorida por todas as suas possibilidades de interpretação. Um amanhecer no cortiço nunca é apenas um bocejar isolado, mas sim um evento iniciado por todos os “condôminos”, independentemente de seus desejos, ambições ou de suas angústias e derrotas. O cortiço é vivo porque respira seus moradores, e isso é desenhado de modo muito contundente pelo autor.

O verbo “desenhar” não é gratuito aqui. Aluísio Azevedo tinha grande talento para o desenho e a pintura, e foi esse talento, aliado à frustração por não ter conseguido seguir nessa carreira, que possibilitou que ele usasse as palavras para descrever de forma tão clara e convincente — e poética, quando necessário — tanto o ambiente quanto a alma de cada um dos moradores do cortiço. Aqui, a forma é tão importante quanto o conteúdo, em um trabalho de construção em que cada palavra é uma pincelada precisa para a visualização do quadro todo. No fim das contas, não há como dizer que o autor não teve sucesso como pintor.

Tão importante quanto isso é o fato de que Aluísio Azevedo fez um excelente trabalho de campo para escrever *O cortiço*. Durante um curto período, o autor, disfarçado como um dos moradores, morou em um cortiço. O mais correto seria dizer que ele não estava disfarçado: nunca morou mesmo lá, vivendo o dia a dia e vendo e conhecendo de perto todas as figuras e vicissitudes daquelas pessoas. O que ele via e percebia era anotado, e esses apontamentos foram fundamentais para que o livro tivesse a profundidade e fosse tão convincente ao retratar aquela realidade. No entanto, o fato de ele anotar tudo o que via gerou a desconfiança de seus vizinhos, levando-os a acreditar que ele fosse um policial. Esse é um elemento bastante interessante que demonstra o quanto aquele era um ambiente de suspeitas e dúvidas, pois mesmo quem nada devia à justiça temia seus representantes, condição que, infelizmente, continua bastante atual.

Devido a essa desconfiança por parte dos moradores, Aluísio Azevedo se viu sob a mira de um famoso capoeirista, o que o obrigou a sair de lá para manter a própria integridade física. Mas ele já tinha anotações suficientes, a ponto de até mesmo o tal capoeirista figurar entre as ricas e complexas personagens de seu romance.

Isso nos leva a perceber que o naturalismo é hoje o que era naquele tempo, considerando os personagens a partir de uma visão determinista e zoomorficada. Por serem moradores do cortiço, os personagens são (e os vizinhos do autor eram) como animais acuados, e é por serem como animais acuados que eles são moradores do cortiço.

Sob o risco de soar repetitivo, preciso reafirmar: essa visão continua bastante atual. Isso é perceptível em muito dos meios de arte mais modernos, como a fotografia, por exemplo, que busca “sujar” mais os ambientes mais oprimidos, para destacar essa condição, ou o cinema, que ainda insiste em retratar países do terceiro mundo com uma paleta de cores quentes que remete não só ao calor relativo à localização geográfica, mas também à condição de perigo constante e iminente. Esses lugares, sob essa ótica, são um zoológico cujas grades são as limitações do enquadramento. Dentro delas, os animais... agindo como animais.

No entanto, os pincéis com que Aluísio pintava sua tela empunhavam tintas de todas as cores, e em sua vivência naquele cortiço, o autor coletou também impressões precisas sobre as mais profundas questões humanas que não necessariamente estão atreladas aos instintos mais básicos. A esperança é uma condição humana, e se os animais a têm, ainda não sabemos como eles a expressam. Aluísio Azevedo parecia saber muito bem.

Não é de surpreender que o livro tenha causado escândalo quando de sua publicação; afinal, além da crítica contundente à sociedade brasileira daquela época, expondo o preconceito racial, desigualdades sociais e a exploração dos mais pobres, o romance não polpa esforços ao retratar de modo realista e quase incômodo temas então espinhosos, como adultério, sensualidade e todo tipo de exploração. Tais temas continuam ásperos nos dias de hoje, mas na época de Aluísio, a sociedade brasileira não estava acostumada a ter suas entranhas — e a alma humana — expostas de maneira tão contundente.

Essa característica na escrita de Aluísio Azevedo não era sem motivo, pois o autor era fortemente influenciado por Émile Zola, escritor francês que foi o criador e o maior representante da escola literária naturalista e que, em 1867, publicou *Thérèse Raquin*, considerado o primeiro romance naturalista e que de imediato foi duramente criticado por abordar temas até então considerados tabus como a morte e a sexualidade.

Françus, um crítico do século XIX, assim escreveu sobre *Thérèse Raquin*:

‘Esta’ nasceu há alguns anos uma escola monstruosa de romancistas, que pretende substituir a eloquência da carnagem pela eloquência da carne, e ataca para as curiosidades mais cirúrgicas, que reúne profusamente a nós, para admirar as veias saltadas, que se inspira diretamente do crime, seu mestre, e que faz sair pus da consciência. [...] Thérèse Raquin é o resumo de todos esses horrores publicados precedentemente. Ele, escorrem todo o sangue e todas as infâmias...’

Para a sorte de Aluísio Azevedo, a recepção da crítica na época da publicação de *O cortiço* foi tão favorável que ele chegou a obscurecer momentaneamente escritores do nível de Machado de Assis, e hoje, 135 anos após vir à luz, o livro tem milhares de cópias vendidas e continua sendo uma obra bastante estudada e debatida, seja no meio literário ou na academia.

ADAPTAÇÕES

Assim como muitas obras clássicas, o romance *O cortiço* foi adaptado para outros formatos, alcançando cada vez maiores públicos.

A PRIMEIRA VERSÃO EM FILME

Já em 1945 foi feita a primeira adaptação cinematográfica, com roteiro e direção de Luiz de Barros, diretor brasileiro que havia feito um estágio nos estúdios Gaumont, na França, e que lá conheceu as então recentes técnicas de sonorização para filmes. Foi ele quem dirigiu o primeiro filme brasileiro com som, *Acabaram-se os otários*, de 1929, que é também a primeira chanchada brasileira.